

## CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Em 312 candidaturas aprovadas para financiamento, há duas lideradas por investigadoras do ICS. O concurso da FCT para Projetos I&D em todos os domínios científicos selecionou os projetos de Anabela Carvalho e Sara Pereira. Em comum, os dois projetos têm o imaginário dos jovens, um sobre os futuros climáticos e transformações justas, o outro sobre vivências e expressões sobre os média. Em conjunto, as duas candidaturas representam um financiamento de 380 mil Euros para a UMinho. ☺



## SECRETARIA

A partir de meados de dezembro, a secretaria do ICS vai ter nova organização. A principal mudança resulta da reunião de todo o secretariado de apoio ao Conselho Pedagógico na principal sala de atendimento ao público no piso 0 do edifício 15, em Gualtar. Por outro lado, à exceção do Departamento de Geografia (que está sediado em Azurém), o ICS deixa de ter um secretário dedicado a cada departamento, passando estes serviços a ser assumidos por uma equipa de dois funcionários administrativos. As mudanças implicam também uma reorganização dos espaços. ☺

## MEDIA ARTS

A proposta de criação do Mestrado em Media Arts no ICS foi aprovada em julho, pela A3ES, e confirmada agora, em outubro. Este projeto de 2º ciclo inscreve-se no âmbito de uma parceria que o Departamento de Ciências da Comunicação mantém com a organização Braga, Cidade Criativa da Unesco em Media Arts. O curso deverá arrancar no próximo ano letivo, com um plano de estudos organizado em quatro semestres que articulam formação teórica com uma componente laboratorial. ☺



Imagem: unsplash

## APOSENTAÇÃO

É a quarta aposentação na comunidade do ICS em 2020. Manuel Pinto, Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação, vai assumir as funções letivas a que está associado até ao final do semestre, mas está reformado a partir de dezembro. Em funções cessantes como Presidente do Conselho do Instituto e diretor do curso de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Manuel Pinto vai continuar a colaborar com o ICS, sobretudo através da ligação que vai manter como membro do CECS. ☺



## EXTINÇÃO

O Conselho do Instituto deu, no dia 21 de outubro, parecer favorável à extinção do CEGOT-UMINHO. A subunidade orgânica reunia sete investigadores do Departamento de Geografia, que, na sequência da avaliação de unidades I&D promovida pela FCT em 2019, solicitaram a integração no CECS. O CEGOT tinha sido criado em 2009 como uma unidade trínuclear, sediada na Universidade de Coimbra, na Universidade do Porto e na Universidade do Minho. A proposta de extinção do grupo do Minho acolheu também o parecer favorável do Senado Académico, em reunião de 25 de novembro. ☺

José Viriato Capela

## “A perspectiva histórica é hoje a que melhor interpreta o sentido da evolução da Humanidade”

**Passou por todas as categorias da carreira académica e exerceu vários cargos, de vice-reitor a presidente do Conselho Cultural. O que é que lhe faltou fazer na Universidade do Minho?**

Do ponto de vista da docência e da investigação, eu penso que realizei tudo. Dei quase todas as disciplinas de História, tanto nos cursos de História como nas Ciências Sociais... e dei também no Direito História do Direito Português. Do ponto de vista da gestão académica, não houve nenhum cargo que eu não tivesse tido. Fui diretor de curso, presidente do Conselho de Cursos, vice-presidente do Conselho Académico, presidente da Comissão de estágios, uma das tarefas que exerci talvez com mais paixão... Do ponto de vista da gestão científica, fui diretor de departamento, presidente da unidade científico-pedagógica, fui pró-reitor e depois vice-reitor. Fui tudo por dever institucional. Nunca gostei de atividades de gestão.

**A Universidade foi um lugar de realização?**

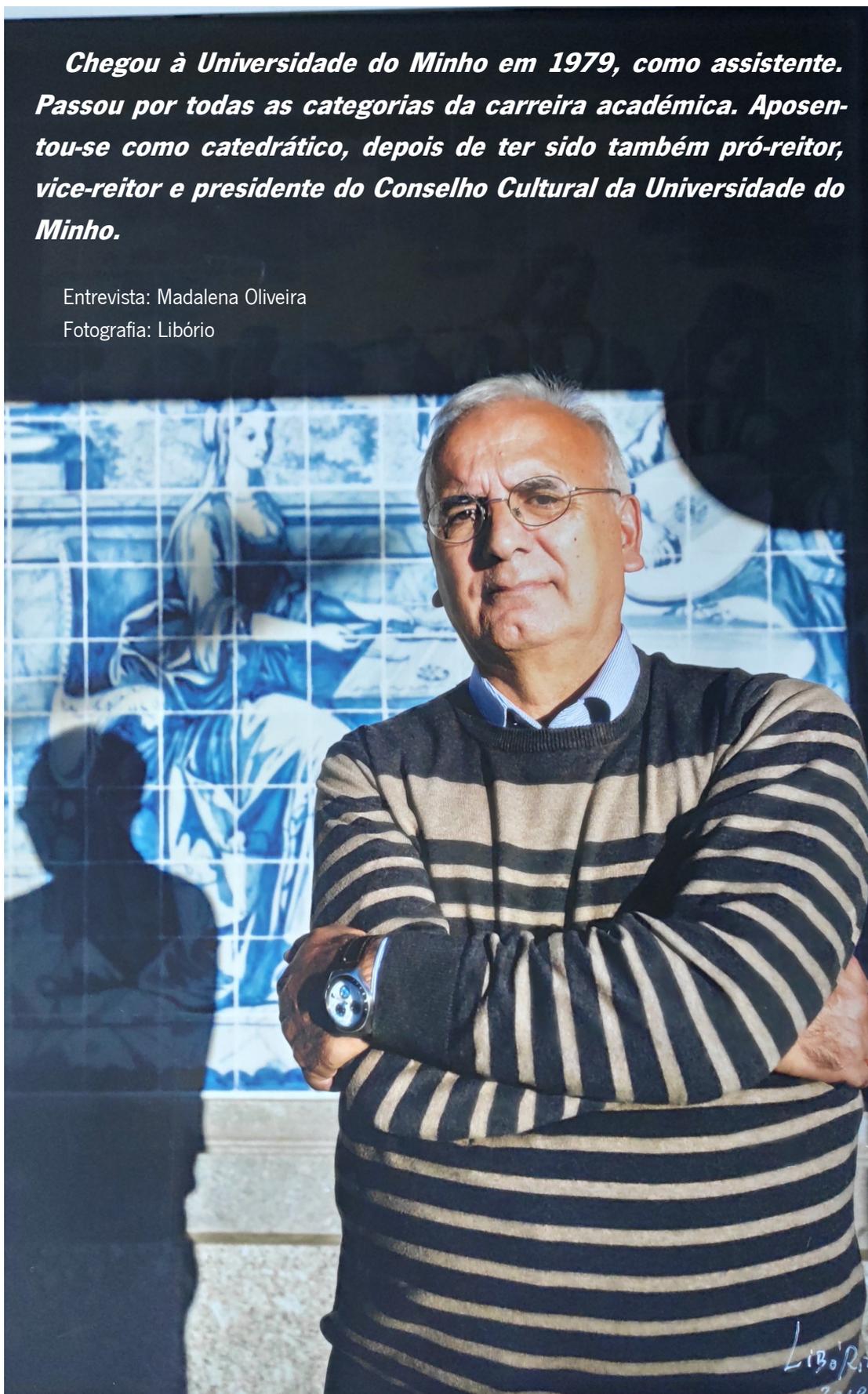
Sim, sempre gostei muito de dar aulas e é isso o que me faz mais falta talvez em relação à universidade. Do ponto de vista das minhas funções científicas, pedagógicas e de gestão, sinto que fiz o que devia ter feito. Só lamento o facto de não ter sido, sobretudo nos últimos tempos, mais presente e mais cordial com os amigos.

**Tendo acompanhado praticamente toda a história da instituição, como vê a evolução da Universidade do Minho?**

*Chegou à Universidade do Minho em 1979, como assistente. Passou por todas as categorias da carreira académica. Aposentou-se como catedrático, depois de ter sido também pró-reitor, vice-reitor e presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho.*

Entrevista: Madalena Oliveira

Fotografia: Libório



A Universidade cresceu muito rapidamente, por pressão demográfica, mas também por capacidade dos docentes que agregou e dos novos projetos que criou. Não podemos esquecer a importância da vinda dos professores de universidades estrangeiras que deram corpo à Escola de Engenharia; não podemos esquecer a importância de outros professores que vieram de outras universidades por questões políticas e a importância que tiveram as Ciências da Educação. Os cursos de ensino foram exponenciais. Depois também o sistema matricial foi importante para esse crescimento integrado... Penso, no entanto, que foi um erro (que se vai pagar caro) entregar o segundo ciclo da formação dos professores às Ciências da Educação... devia estar mais articulado aos domínios científicos de base.

### **E em termos de reputação pública? A Universidade fez, na sua opinião, um bom caminho?**

Não tenho dúvidas. Os dados estão à vista. A posição da Universidade do Minho é importante. Tem sempre as suas dificuldades, mas a Universidade do Minho foi pioneira em alguns domínios, e continua a ser, e tem centros de excelência...

Há, no entanto, uma coisa que lamento no percurso da Universidade. Com a solução departamental e a divisão em escolas e institutos, acho que se tem desvalorizado muito a parte pedagógica. Acho que não se presta a devida atenção à parte pedagógica e ao controlo da qualidade da nossa produção escolar. Colocamos no mercado de trabalho ou do ensino formados cuja capacidade científica não é suficientemente completa. Acho que deveríamos submeter os nossos alunos a uma avaliação final rigorosa, para sabermos se deveremos dar aquele diploma respetivo e não ser simplesmente a soma das disciplinas que cada docente dá.

### **Que relevância tem hoje a existência de um departamento de História em universidades que estão tão orientadas para o progresso e para o futuro e talvez menos para a compreensão do passado?**

Acho que tem cada vez mais. Cada vez mais sentimos necessidade de, em todos os domínios científicos e não só nas Ciências Humanas e Sociais, fazer a viagem da construção no tempo e no espaço. A perspectiva histórica é hoje a que melhor interpreta o sentido da evolução da Humanidade. Se alguém quiser perceber o nosso tempo tem de ler Braudel e *A Gramática das Civilizações*, publicada em 1965. Quem quiser entender os nossos dias de hoje tem de ler os últimos ensaios de

Magalhães Godinho sobre como pensar o tempo presente. Os matemáticos, os físicos, os biólogos, os médicos... têm de fazer esta leitura em quadros muito mais abrangentes para entender o sentido da evolução das ciências e do conhecimento.

Veja-se a nossa comunicação social. Quais são os comentadores com mais eco, que mais contribuem e melhores leituras fazem da nossa política e da nossa sociedade? São gente que tem formação nas Ciências Sociais e na História. Tem havido um papel crescente da reflexão histórica. É preciso rasgar muros e derrubar muralhas para que se construa um conhecimento mais abrangente que já não separe as Humanidades das outras ciências.

### **Qual deve ser hoje a vocação de um professor de História?**

A partir do [ensino] secundário, preparar as condições para que os alunos tenham um conhecimento da Modernidade, dos problemas do mundo de hoje, na sua globalidade. E depois, na parte final do secundário, dar uma gramática geral da História, da Política e das Civilizações. No ensino é preciso distinguir muito bem esses dois planos: o plano dos conhecimentos positivos, dos factos, dos elementos, estilo história positiva ou história narrativa ou história segmentada de factos essenciais que os alunos devem conhecer; e

depois, a perspectiva de conjunto. No ensino superior, penso que devemos seguir as orientações dos domínios mais desenvolvidos da Historiografia. No que diz respeito à investigação, temos de estudar, na matriz, na base, a História de Portugal. A História de Portugal está a ser feita a partir de quadros muito macro, muito doutrinários, muito ideológicos e muito políticos. Penso que mais ninguém pode contribuir para dizer algo mais sobre o pombalismo, sobre o salazarismo ou sobre o 25 de Abril. E não se conhece verdadeiramente a sociedade portuguesa. Os centros de investigação mais regionais estão provavelmente mais vocacionados para fazer uma aproximação mais cultural e mais sociológica à História de Portugal. É preciso avançar mais em projetos de investigação de base territorial, social e cultural a partir das matrizes do povo. Português.

### **De que é que vai sentir mais falta nesta nova fase da vida?**

Do convívio com os alunos, sobretudo. É algo que a gente só valoriza mais tarde, quando começa a ficar mais velho. Nesta altura, valorizo muito o contacto com alunos, sobretudo

aqueles que mostram interesse e paixão pelo ensino da História.

### **Nessa saudade dos estudantes está uma certa ideia de que a universidade deve ser essencialmente uma instituição de ensino?**

De ensino e de investigação própria. Penso que é a vocação fundamental da universidade. As plataformas transformaram os professores em serventuários da máquina administrativa. Tem de se libertar o tempo para a docência de investigação própria e para a docência de investigação atualizada. Os novos professores não podem fazer com calma e com tempo o que devem fazer, que é ler e estudar. E depois também não põem os alunos a ler e a estudar. Pergunto-me se, nas nossas licenciaturas, não deveríamos ter quatro ou cinco ou seis livros maiores que deveríamos perguntar aos alunos, em exame final, se leram. Eu acho que os alunos não leem livros. E os professores não sei...

***“Quais são os comentadores com mais eco, que mais contribuem e melhores leituras fazem da nossa política e da nossa sociedade? São gente que tem formação nas Ciências Sociais e na História.”***

***“É preciso rasgar muros e derrubar muralhas para que se construa um conhecimento mais abrangente que já não separe as Humanidades das outras ciências.”***

## AGENDA

### Provas de Doutoramento

#### Agendadas

#### SOCIOLOGIA

Sara Matos

“‘Vigiar e/ou proteger?’ Desafios da proteção de dados genéticos no combate à criminalidade no âmbito do sistema Prüm”

18 de dezembro de 2020

#### Realizadas

#### GEOGRAFIA

Marcelino Jone Muleva

“Impactes ambientais e socioeconómicos da atividade humana na floresta de Miombo em Niassa (Moçambique). Caso de estudo: os distritos de Mandimba e Ngau-ma na região de fronteira com a República do Malawi”

24 de novembro de 2020

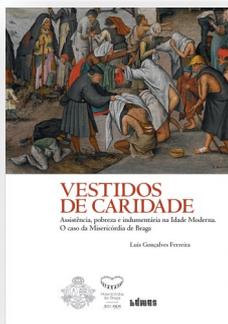
#### HISTÓRIA

Gracineide Oliveira

“Perfil Demográfico de Paróquias do Seridó/Rio Grande do Norte-Brasil (1840-1900)”

06 de novembro de 2020

## PRÉMIO



Luís Gonçalves Ferreira é estudante de Doutoramento em História no ICS, mas foi pela publicação da dissertação de Mestrado que defendeu há um ano que foi agraciado pelo Prémio Lusitânia História–História de Portugal, da Academia Portuguesa de História. O galardão vai ser entregue no dia 9 de dezembro, em Lisboa, com transmissão online. ☉

## LIVRO



Há um ano, o ICS iniciou, com os centros de investigação do Instituto, a organização de um colóquio de Ciências Sociais que seria dedicado ao tema “Sociedade e Crise(s)”. Ainda não se falava sequer da COVID-19 nem se imaginava que daí a poucos meses o mundo estaria a enfrentar uma crise sanitária com repercussão em praticamente todos os setores da vida social, económica e cultural. O objetivo era debater as diversas declinações da experiência da crise a partir do olhar das Ciências Sociais. Os convidados estavam confirmados, mas a crise, precisamente, acabaria por não permitir a realização do evento.

O livro *Sociedade e Crise(s)* foi publicado neste contexto. Embora não substitua o colóquio inicialmente programado, reúne, por iniciativa da Presidência do ICS, um conjunto de ensaios breves sobre perspetivas do conceito de crise. Da Geografia à História e à Educação, ou da Demografia à Sociologia e à Comunicação, este volume propõe uma leitura multidisciplinar do fenómeno da crise. Com a chancela da Editora UMI, *Sociedade e Crise(s)* oferece ao leitor uma proposta de reflexão inspirada pelas áreas de trabalho científico de 22 docentes/investigadores do ICS. ☉

## OPINIÃO

Luís Cunha

Departamento de Sociologia



## A CRISE DA CRISE

A ideia de crise é terreno fértil para excessos de linguagem, observável no modo como facilmente se classifica cada nova manifestação como a “crise do século”, a “maior crise das nossas vidas”, ou formulações semelhantes. Talvez haja nisto uma vontade inconsciente de sermos parte da História, nem que seja pela circunstância de experimentarmos, pelo sofrimento, um daqueles momentos que não de figurar nos almanaques do futuro. Claro que tudo isto é muito ilusório, pois quase sempre cada nova crise supera a precedente, facto que deve levar os mais previdentes a relativizar a dimensão da vaga que representa a crise do momento. Há ainda uma outra lição que importa retirar desta nossa tão forte relação com a crise. É igualmente uma lição de desconfiança, neste caso relativamente ao que significam as crises. Tendo presente a sua banalização, a questão é pertinente: Não podemos ver a crise como soia, como uma exceção, um marcador de mudança efetiva, um momento que transporta consigo novas dinâmicas. Ao contrário, aquilo a que chamamos crises – e que podemos ilustrar com a sucessão de tumultos financeiros, de diversa estirpe, que vimos experimentado desde 2008 – mais não é que uma componente intrínseca e indispensável do sistema económico e político em que vivemos. Convém, portanto, que não vejamos a crise como algo inesperado, transitório e de resultado incerto. Ela é a respiração do sistema, e por isso se tornou permanente, apenas silenciada ou disfarçada nos momentos em que o sistema inspira, insuflando-se de um excesso que acabaremos por pagar na próxima crise.

Não é ainda possível perceber quais as consequências da atual pandemia. No momento em que a estamos a viver de forma tão intensa, pensá-la significa apenas projetar temores e antecipar o que faremos quando finalmente a superarmos. Apesar da incerteza, não podemos deixar de pensar este momento a partir de uma ideia de crise. Crise social, política e económica, que exponencia a dimensão sanitária relativamente a outras crises. Semelhante a todas elas pelo sofrimento que imprime à vida de muitos de nós, pela doença, pelo desemprego, pelo fechamento de horizontes, pelo colapso de inúmeros projetos que alimentavam esperanças de futuro. Há, porém, algo que a torna diferente, fazendo dela, potencialmente, a crise das nossas vidas. Não me refiro à profundidade, ainda incerta, das suas consequências, mas antes à sua natureza. Esta crise não é sistémica nem pode ser vista como expressão de qualquer ciclo económico. Mais importante ainda, está nas nossas mãos fazer dela uma crise que ameace essas outras crises que nada mais são que instrumentos de respiração de um sistema que a cada instante parece empurrar-nos para um abismo ambiental e, à falta de melhor nome, também civilizacional. Se quisermos, pudermos e soubermos fazer isso, esta será, definitivamente, a crise das nossas vidas. ☉